



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA REFLEXÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

Allef de Lima Laurindo Fraemann Matos¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

allef.lima.matos@hotmail.com

Resumo: Atualmente diferentes mídias, tais como, jornais, filmes, jogos digitais, internet e as histórias em quadrinhos, estão inseridos no cotidiano escolar, e os programas curriculares tem buscado proposta que evidenciem a utilização desses recursos como ferramenta pedagógica e fonte de informação no processo de aprendizagem. Partindo dessa percepção, temos que compreender as HQs como um instrumento educacional de potencial abrangente, que permitem, com seu uso, as integrações entre as diferentes áreas do conhecimento e mídias, possibilitando nas instituições educacionais um trabalho interdisciplinar e com diferentes habilidades interpretativas. Assim, o presente trabalho tem por objetivo: Analisar as histórias em quadrinhos como recurso didático no ensino de História.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Ensino de História. Educação

COMICS AND HISTORY TEACHING: A THEORETICAL AND METHODOLOGICAL REFLECTION

Abstract: Today different media like newspapers, movies, games, internet and comics are presents in the schools, and the curriculum programs have been looking for a proposal that shows the use of these resources as a pedagogical tool and source of information in the process. learning. From this perception, we have to understand the comic books as an

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PGH - UFRPE). Especialista em Ensino de História do Brasil, Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA). Graduado em Licenciatura Plena em História, pela Universidade de Pernambuco (UPE). Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos Leitorado Antigo: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em História Antiga. Realiza pesquisas nas áreas do Ensino de História e História Antiga, atuando nos seguintes temas: histórias em quadrinhos como recurso didático no ensino de História, representação da cidadania romana nas histórias em quadrinhos de Asterix.

educational instrument of comprehensive potential, which allow, with their use, the integrations between the different areas of knowledge and media, enabling in educational institutions an interdisciplinary work and with different interpretative skills. Thus, this paper aims to: Analyze comics as a didactic resource in the teaching of history.

Keywords: Comics. History teaching. Education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar as Histórias em Quadrinhos como recurso didático no ensino de História, uma vez que em nossa pesquisa levamos em consideração a presença de diversas mídias dentro da vida escolar no Brasil (entre elas as Histórias em Quadrinhos) e que os programas curriculares têm buscado propostas que evidenciem a utilização desses recursos como ferramentas pedagógicas e fonte de informação no processo de aprendizagem.

Partindo dessa percepção, temos que compreender as HQs como um instrumento educacional de potencial abrangente, que permitem, com seu uso, as integrações entre as diferentes áreas do conhecimento e mídias, possibilitando nas instituições educacionais um trabalho interdisciplinar e com diferentes habilidades interpretativas.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

O ensino de História está presente nas escolas brasileiras, desde o século XIX, a disciplina foi incluída no plano de estudos do Colégio Pedro II e a construção do conhecimento histórico, nas instituições educacionais no período Imperial brasileiro, associavam-se aos incentivos das práticas cívicas e fortificação da moral e os deveres com a Nação. Outro elemento do ensino de História eram os estudos das genealogias das Nações, o que tinha por intuito a inclusão do Brasil no mundo europeu, visto como o berço das nações. Com isso, os estudos da antiguidade clássica (História da Grécia e Roma) foram os principais componentes curriculares da disciplina.

Como conteúdo destinado ao ensino dos que deveriam dirigir o país, a história ensinada no Colégio Pedro II fixou-se na genealogia das nações. A antiguidade foi revisitada para buscar as origens das nações; ganhou importância nesse processo os tempos modernos e o estudo do passado nacional como recurso pedagógico para a explicação e o fortalecimento da identidade nacional. (TOLEDO, 2005, p. 05).

Dessa maneira os conteúdos passaram a ser elaborados com objetivo de construir uma ideia de Nação e Pátria. Circe Bittencourt atesta que “desde o início da organização do sistema escolar, a proposta de ensino de História voltava-se para uma formação moral e cívica, condições que se acentuaram no decorrer dos séculos XIX e XX.” (BITTENCOURT, 2004, p. 61). Com o advento do período republicano, o ensino ganhou novo destaque, já que havia a necessidade de aumentar os índices de pessoas alfabetizadas, elemento essencial para exercer a cidadania política no país.

Nessa perspectiva, André Coura Rodrigues salienta que “a escola deveria refletir os princípios e anseios da nova ordem republicana que se pretendia instaurar. Mais do que isso, deveria ser, também, um veículo de transmissão dos valores do novo regime.” (RODRIGUES, 2005). Logo, a história tinha com missão ensinar os valores nacionais e incentivar o patriotismo. Os livros didáticos do início do século XIX e XX ilustram como o patriotismo passou a ser objetivo central da disciplina. “Eles foram organizados de maneira que tivessem uma sequência linear, segundo a lógica cartesiana que conformava a estrutura da obra a capítulos, composto de exercícios, perguntas, resumos e quadro cronológico que seguiam as ‘lições’”. (BITTENCOURT, 2004, p. 309).

Entre as temáticas discutidas estavam: A riqueza e beleza das terras brasileiras, o clima, a História dos portugueses e cristianização. Dessa maneira, o ensino de História no período republicano estava simplificado em saber de cor nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente como estava escrito no livro ou copiado no caderno. Na concepção de Toledo, o ensino de História no início do período republicano pode ser entendido como uma memorização de nomes, datas, fatos e lugares.

É importante saber, por exemplo, que o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República em 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro. As motivações que levaram o Marechal Deodoro a esse gesto são deixadas em segundo plano ou sufocadas sob a imagem do proclamador da República como um “herói nacional” [...]. O que importa são os nomes, as datas, os fatos e os lugares a serem memorizados (TOLEDO, 2016, p. 325-326 apud MOREIRA; VASCONCELOS, 2007, p. 39).

Ou seja, o uso da memorização dos conteúdos é compreendido como uma característica da pedagogia tradicional. Paulo Freire caracteriza essa prática metodológica como educação bancária. Segundo o autor, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção. (FREIRE, 1996). Entretanto, o método de ensino neste período era baseado na memorização dos conteúdos, de modo que era principal capacidade exigida para o bom rendimento dos estudantes.

O saber histórico era caracterizado pelo domínio de muitas informações, “o que, na prática, significava saber a maior quantidade possível de acontecimentos de uma história nacional.” (BITTENCOURT, 2004, p 69). Desta forma, o ensino de História servia para aguçar o patriotismo, ao mesmo tempo em que os alunos memoriavam nomes, as datas, os fatos e os lugares, e as avaliações correspondiam à aplicação de atividades orais ou escritas, onde as respostas eram de maneira direta e objetiva, sem a problematização do evento.

Durante os anos da Ditadura Civil Militar, o currículo da disciplina dava destaque para uma história fatural, Metódica, que segundo a historiadora Semírames Corsi Silva, “era apresentada como uma linha contínua com causa e efeito, sem a análise fundamental dos processos histórico propriamente.” (GONÇALVES; SILVA, 2015, p.05 apud SILVA, 2010, p. 147). Ou seja, a disciplina apresentava uma História linear, como início, meio e fim.

Selva Guimarães Fonseca discute que o ensino de História durante esse período tinha como objetivos norteadores a moral e civismo. “Conceitos como nação, pátria, integração nacional, tradição, lei, trabalho e heróis passaram a ser centro dos programas da disciplina.” (FONSECA, 2003, p. 21). Desse modo, o papel do ensino de História era reproduzir um sistema de valores e ideologia de um determinado setor da sociedade.

Somente com abertura política na década de 1980, e com criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais no final da década de 1990, que vemos renascimento do ensino de História, e aumento das produções historiográficas no âmbito universitário. Com essa expansão, ocorreram mudanças significativas no ensino de disciplina, os currículos de História, seja na universidade ou na educação básica, passaram por um processo de expansão com inserção de novos conteúdos e adaptações às recursos pedagógicos vigentes.

Helenice Ciampi aponta que a partir do final do século XX os professores enfrentam novos desafios; o uso dos recursos pedagógicos/tecnológicos em sala de aula e volume de informações produzidas em função das inovações tecnológicas. Para autora:

A questão não está no acúmulo destes conhecimentos, mas na capacidade de selecionar, na formação do aluno, conceitos básicos, e desenvolver uma prática pedagógica consistente que permita à criança e o ao jovem serem capazes de pesquisar informações substantivas para resolver um problema; de analisar, entre as possíveis soluções, a(s) mais adequadas(s) ao seu contexto, e de utilizar diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. (CIAMPI, 2010)

Assim, percebemos que os alunos convivem com uma vasta rede de informações, presentes através de site de pesquisa, redes sociais, imagem, sons e películas. Com isso, o saber histórico e os valores culturais não são transmitidos exclusivamente pela escola. Ou seja, a educação é um processo contínuo que pode ocorrer nos mais variados locais, instituições, momentos e relações; é um processo que extrapola os muros das intuições e os programas curriculares. Dessa forma, podemos considerar que “não há uma forma única nem único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é sua única pratica e professor não é seu único praticante.” (BRANDÃO, 2007, p. 9).

A partir da perspectiva de Brandão, entendemos os processos educacionais como agentes inseridos nas vivências cotidianas dos alunos e à medida que quando o professor diversifica as fontes, ele dinamizar a prática e democratiza o acesso ao saber. Pois, bem como aponta Selva Guimarães Fonseca, o uso de fontes em sala de aula, “possibilita o conforto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica.” (FONSECA, 2003, p. 37). E como foi citado, educar não é simples transferência do conhecimento, é criar as possibilidades para sua produção ou construção. Em vista disso, discutir o ensino de História na atualidade é refletir sobre os diversos processos formativos, as fontes e as formas de educar em numa sociedade complexa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino de História (1998) consideram fundamental que o professor saiba “utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”, facilitando assim a sua construção e desenvolvendo a capacidade crítica do aluno. E como ressalta Funari (2007), ocorreram mudanças na produção do conhecimento, novos recursos pedagógicos foram incrementados

na sala de aula, que buscam incentivar os aspectos lúdicos das atividades intelectuais, sendo interessante levar aos discentes tais materiais para serem explorados a fim de extrair informações e coletar dados a respeito do conteúdo programático da aula em questão.

Contos, lendas, filmes de ficção ou documentários televisivos, músicas, poemas, pinturas, artigos de jornal ou revista, leis, cartas, romances são documentos produzidos para um público bastante amplo, que pode por intermédios do professor e seus métodos, se transformam em material didático. Eles não são necessariamente produzidos pela indústria cultural e podem ser selecionados de diferentes formas, de acordo com a opção de trabalho ou dos projetos pedagógicos da escola. (BITTENCOURT, 2004, p. 297).

Na compreensão de Circe Bittencourt, os métodos de ensino têm que se articular com os novos recursos didáticos, pois “as transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação em que se encontram introduzindo novos referenciais em relação à produção do conhecimento.” (Ibidem, 2004, p. 107). Por conseguinte, a inclusão de novos recursos pedagógicos na sala de aula trata-se de uma opção metodológica, que amplia o olhar do professor e torna o processo de produção do conhecimento dinâmico e flexível, permitindo alcançar o objetivo do ensino de História da contemporaneidade, formação do cidadão político, por conseguinte, a História deve contribuir para formação de um cidadão crítico.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

Compreendemos que antes de contextualizar o uso das Histórias em Quadrinhos (HQs) na sala de aula, como recurso pedagógico, seja necessário, primeiro, definirmos o que é uma História em Quadrinhos, e investigar um pouco a sua origem e compreender as distinções entre Charge, Cartum e Histórias em Quadrinhos.

A Charge é uma ilustração que recorre ao humor com objetivo de satirizar notícias. Como explica Vilela, “ela possui um caráter jornalístico, mas não se limita a informar um fato ou acontecimento. Uma charge está mais para um editorial ou uma coluna de opinião do que para uma reportagem comum.” (VILELA, 2012, p. 24). Já cartum é uma única imagem ilustrada que tem por intuito de transmitir uma informação.

Histórias em Quadrinhos podem ser compreendidas como: “imagens pictóricas e outras, justaposta em sequências deliberadas destinadas a transmitir informação e/ou produzir

uma resposta no espectador.” (MCCLLOUD, 1995, p. 9). Nesse aspecto entende-se que as Histórias em Quadrinhos são duas ou mais imagens, possuindo textos escritos ou não, colocados uma ao lado da outra em sequência com objetivo de passar uma determinada informação ao espectador.

O desenvolvimento da imprensa e do surgimento da indústria tipográfica possibilitaram as condições necessárias para o surgimento das Histórias em Quadrinhos nos Estados Unidos do final do século XIX, como um meio de comunicação em massa. Como apontam Vergueiro e Rama (2006, p. 10), “o florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que os quadrinhos transformassem em um produto massivo”.

Inicialmente os quadrinhos eram apresentados nas páginas dos jornais dominicais, possuíam elementos cômicos, desenhos satirizados, caricaturais e sua temática era voltada para população imigrante. Essas estratégias foram utilizadas pelos donos dos jornais norte-americanos no final do século XIX, com objetivo para aumentar suas tiragens, vendendo jornais também para os analfabetos ou semialfabetizados.

Nos Estados Unidos do final do século XIX, as HQs conseguiram atrair o interesse dos imigrantes, mesmo daqueles que não dominavam bem o inglês. Vários fatores explicam a boa aceitação que as HQs receberam por parte desse público. Um deles era o fato de que as tramas das primeiras HQs eram simples, envolvendo situações de fácil entendimento que favoreciam a empatia do público com as personagens as tornava compreensíveis por vários segmentos de público, inclusive os imigrantes. A presença dos desenhos e de todos os elementos visuais neles contidos também ajudava a facilitar a compreensão do conteúdo das HQs. Isso explica porque as HQs ajudaram vários imigrantes que se estabeleceram nos Estados Unidos, em especial em Nova York, a se familiarizarem mais com a língua inglesa e com a cultura local do novo lar. (VILELA, 2012, p. 74.)

The Yellow Kid (O menino amarelo) é considerado primeiro registro de uma História em Quadrinhos. Ela é datada de outubro de 1896, sendo publicada pelo jornal The New York World. A publicação do Menino amarelo possibilitou o surgimento de uma nova arte, como aponta Fábio Paiva (2017, p. 27): “Naquele dia a fala do personagem escrita dentro do desenho, dita na primeira pessoa do singular, em vez de aparecer na legendada e discurso indireto como anteriormente. Surgia um novo estilo e surgiram as HQs”.

No final da década 1920, quase três décadas depois da publicação The Yellow Kid, é presenciada uma crescente popularização dos quadrinhos e um aumento no seu consumo,

atribuído devido ao desenvolvimento das histórias de ação e a adesão de traços realistas às obras, outros fatores que vão contribuir para a massificação das HQs é a publicação de novos formatos. As Histórias em Quadrinhos ganharam publicações específicas tais como *comic book*, revistas de quadrinhos e os gibis, responsável pela popularização das histórias de super-heróis, dentre elas as histórias do Superman (1938), criada por Joe Shuster e Jerry Siegel, que permitiu que o gênero alcançasse tiragens astronômicas e traduzidas em diversos idiomas. Posteriormente, vieram Batman (1939), Mulher Maravilha (1941) e Capitão América (1941). A Segunda Guerra Mundial também contribuiu para aumentar a popularidade do gênero, com o engajamento fictício dos heróis no conflito, lutando do lado dos Aliados, contra o Eixo.

Aproveitando da popularidade das Histórias em Quadrinhos, os Estados Unidos utilizaram as HQs para ilustrar cartilhas de treinamento bélico do exército norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de facilitar a compreensão dos manuais e apostilas militares:

Depois de conversar com os editores do jornal ao longo dos meses e ver como o exército resolvia as coisas, Eisner ficou convencido de que os quadrinhos podiam ser usados como uma ferramenta educativa para seus colegas soldados. Seu raciocínio envolvia em parte a falta de alfabetização, em parte a relutância natural em aprender algo novo: os manuais de manutenção eram escritos em linguagens tão técnicas que os soldados menos letrados não entendiam, e mesmo que entendessem, precisavam de motivação para seguir as orientações. Os quadrinhos podiam ser informais, divertidos e fáceis de acompanhar, ainda assim mantendo o tom educativo. Eles podiam falar a língua do soldado. (SCHUMACHER. 2013 p. 106 apud PAIVA. 2017 p. 66).

No mesmo período, foram publicadas nos Estados Unidos, as Histórias em Quadrinhos, True Comics e Real Life Comics. As obras apresentavam personagens e eventos históricos, ilustrados nos seus exemplares, e tinham como objetivos transmitir o conhecimento histórico através da linguagem das HQs. No pós-guerra, editoras italianas dedicaram-se a publicar HQs com temáticas religiosas, Topix Comics, Treasure Chest e Picture Stories from the Bible, essas publicações faziam da catequese o seu maior intuito, utilizando das histórias como um meio de transmissão dos valores cristãos. Como aponta Vergueiro e Rama (2006, p. 18), “Na Itália, editoras ligadas à Igreja Católica também utilizaram fartamente a linguagem dos quadrinhos para incutir nas crianças sentimentos religiosos, foram depois traduzidas e publicadas em muitos países do mundo”.

Os benéficos pedagógicos dos quadrinhos não restringiram exclusivamente as editoras ligadas à Igreja Católica ou ao Governo dos Estados Unidos. Na China, durante o processo de revolução, o governo de Mao Tse-Tung utilizou das Histórias em Quadrinhos como uma fermenta para divulgação de um modelo de vida exemplar, dando ênfase aos valores do novo regime que pretendia estabelecer no país.

As histórias podiam enfocar, por exemplo, a vida de um soldado que, a caminho de seu quartel, encontrar uma pobre velhinha sem forças para caminhar, desviava-se de seu caminho e a levava às costas até sua casa, passando a imagem de “solidariedade” que o governo chinês pretendia vender a população. (Ibidem, p. 18).

No entanto, apenas na década de 1970, na França que as Histórias em Quadrinhos passaram a ser utilizadas como ferramentas pedagógicas para auxiliar os docentes na sala de aula. Diversos personagens e temas passaram a ser representados, entre quais se encontram as obras de Freud, Marx, Lenin, Darwin e Trotsky.

As editoras francesas aventuraram-se nesse ramo com maior ou menor sucesso, ajudando a ressaltar a ideia perante o público que as HQs poderiam ser utilizadas para transmitir conteúdo. Essa tendência foi ampliada pelos demais países, por vezes com traduções de obras norte-americanas e europeias ou desenvolvimento de obras com temáticas específicas de cada local.

Temos que compreender que “a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida, inicialmente eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados com textos escritos.” (VERGUEIRO, 2006, p.20).

No entanto, o reconhecimento das Histórias em Quadrinhos como uma maneira de auxiliar nas práticas pedagógicas ocorreu oficialmente no Brasil em 1996 quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. No Art. 3º da Lei de n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, destaca que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: “II liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”. (BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Percebemos que partir da promulgação Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as HQs passaram a ser uma ferramenta educacional, abrangente nos mais variados níveis de ensino,

desde as séries iniciais até o ensino superior possibilitando desenvolvimento de várias pesquisas relacionadas com distintas problemáticas.

QUADRINHOS NA AULA DE HISTÓRIA

As Histórias em quadrinhos hoje representam uma mídia de grande penetração popular, como destaca Fábio Paiva, até os “menos atentos se deparam diariamente com imagens relacionadas aos personagens clássicos dos gibis, quando não, com os próprios apresentados nos produtos mais diversos, desenhos animados, comerciais e nas próprias HQs.” (PAIVA, 2017, p. 46-47). Barbara Postema ainda ressalta que “os quadrinhos [são] uma das formas mais populares e penetrantes da nossa era visual.” (POSTEMA, 2018, p. 17). Tanto que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino de História ressaltam a importância do professor saber utilizar diferentes fontes e recursos tecnológicos para construção do conhecimento histórico.

Certamente as histórias em quadrinhos na contemporaneidade viraram um elemento que extrapola mídias e culturas, transmitindo conceitos, aspectos culturais e informações científicas. Souza Neto (2016) afirma que as HQs “Emergem como poderosos elementos para o aprendizado [...], pois estão repletas de inquietações, servem às comemorações e lembranças da realidade, propiciam novas estratégias de ensino e a produção de conhecimento histórico [...]”.

Assim como Denise Maria Margonari e Amaro Xavier Braga Jr. corroboram com a utilização das Histórias em Quadrinhos em sala de aula. Para os autores, os quadrinhos são ótimos recursos pedagógicos, pois são ferramentas inseridas no cotidiano dos estudantes. Partindo desta perspectiva, Vergueiro e Santos discutem, que os usos das histórias em quadrinhos possibilitam o incentivo à leitura, o aprendizado de línguas estrangeiras, além do debate sobre determinados temas.

As Histórias em Quadrinhos também podem ser aproveitadas em diversas aulas de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, tornando aprendizagem prazerosa e reflexiva. E conforme Fábio Paiva destaca, os quadrinhos são instrumentos que podem ser usados na educação, “especialmente como uma ferramenta interdisciplinar e transversal e como um

gênero textual, no que se refere ao ensino e aprendizagem das linguagens.” (PAIVA, 2017, p. 70).

Já para as aulas de História, as Histórias em Quadrinhos fornecem material para o desenvolvimento dos conceitos históricos, podem ser usados para ilustrar informações textuais e visuais da vida social de comunidades passadas. Nessa perspectiva, podemos recorrer às histórias em quadrinhos de Asterix, como uma ferramenta de ensino de História.

Asterix foi criado por René Goscinny (escritor) e Albert Uderzo (desenhista). A primeira aparição do personagem foi na revista francesa *Pilote* em 1959, e sua primeira história em quadrinhos foi publicada em 1961, com o título de *Astérix le Gaulois* (Asterix, o gaulês). As histórias em quadrinhos de Asterix ocorrem no período da República romana, no ano de 50 AEC, e tem como contexto histórico conquista da Gália, por Júlio César.

Os quadrinhos produzidos por René Goscinny e Albert Uderzo remetem à Roma Antiga, e permitem debates e questionamentos conceituais nas aulas de História. Nos Álbuns, Asterix, o Combate dos chefes; Asterix, o domínio dos deuses; Asterix, o gaulês; Asterix, o legionário; Asterix nos Jogos Olímpicos encontramos os conceitos de Estado, Império, aculturação e expansionismo, civilização, barbárie e cidadania romana e romanização.

Essas Histórias podem ser utilizadas para problematizar o conteúdo da Roma Antiga para o 6.º ano do Ensino Fundamental II, como também servir como ponto de partida para discussões conceituais importantes para disciplina de História, e conforme Vilela explica, algumas HQs, “têm como fonte de inspiração, culturas e civilizações que existiram na antiguidade, podendo se constituir num excelente ponto de partida para debater e questionar conceitos” (VILELA, 2016, p. 110).

Outra maneira de utilizar as HQs de Asterix na sala de aula é analisando como registros da época que foram produzidas. Pois, toda obra de ficção histórica fornece mais elementos com seu período de produção em que a época pretende representar. Nas Histórias em Quadrinhos de Asterix não são diferentes, encontramos nas histórias, informações a respeito da época que foi produzida e elementos culturais da sociedade contemporânea. Vilela salienta que no álbum Asterix entre os bretões são possíveis encontrar informações que remetem a símbolos e costumes da Inglaterra do século XX.

A carroça de dois andares (alusão aos ônibus de dois andares muito comuns nas ruas de Londres); o quarteto de bardos bretões que arranca gritos e suspiros das jovens bretãs (que são, nada mais, nada menos, os Beatles caricaturados); o fato de os bretões “falarem ao contrário” colocando os adjetivos sempre antes dos substantivos (as “romanas patrulhas); e de interromperem os combates com romanos para tomarem “quente água”, uma brincadeira com o hábito inglês da hora do chá. (Ibidem, p. 112)

Os anacrônicos presentes nas Histórias em Quadrinhos de Asterix podem ser aproveitados no ensino de História pelo próprio fato de servir como exemplo para os estudantes compreenderem a noção de anacronismo. Dessa maneira, cabe ao professor mediar à leitura das Histórias Quadrinhos, chamando atenção para os anacronismos presentes na obra, assim, “os ‘erros’ podem servir como ponto de partida para informações historicamente corretas, contribuindo para construção do conhecimento.” (Ibidem, p. 121).

Ou seja, cabe ao professor informar para os alunos que as Histórias em Quadrinhos, analisadas durante atividade educacional proposta pelo docente, refletem mais o tempo que elas foram produzidas, que o período que propriamente propôs a discutir, e são obras de ficção, não tendo responsabilidade de ser fidedignos aos acontecimentos históricos por ele abordados, evitando, assim, que o aluno tome a obra utilizada como algo condizente com a realidade.

Além disso, é importante a identificação do material adequado para cada turma, pois sabemos que as Histórias em Quadrinhos são uma linguagem autônoma, que existem vários gêneros para diferentes públicos, faixas etárias e que são publicados de diferentes maneiras. E ao utilizar as HQs na sala no ensino de História, é interessante que o professor procure aplicar atividades diversas: leitura da obra; análise e interpretação dos signos presentes nas Histórias em Quadrinhos; discussão conceitual; estimular os alunos a produzir suas próprias Histórias em Quadrinhos sobre as problemáticas discutidas durante aula.

Sendo assim, Scott McCloud e Waldomiro Vergueiro vão defender potencial das Histórias em Quadrinho. Para o primeiro, “a forma artística-meio-conhecido como quadrinhos é um recipiente que pode conter diversas ideias e imagens.” (MCCLOUD, 1995, p. 6) Já para Vergueiro, não existem regras para utilização das HQs, “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos.” (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 26).

Partindo dessas percepções, temos que compreender as HQs como um instrumento educacional de potencial abrangente, que permitem, com seu uso, as integrações entre as diferentes áreas do conhecimento e mídias, possibilitando nas instituições educacionais, um trabalho interdisciplinar e com diferentes habilidades interpretativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Histórias em Quadrinhos são ferramentas ricas em conteúdo, e podem para ser utilizadas no Ensino de História, contribuindo para dinamização da aula. Pois, como afirma Souza Neto, “indiscutivelmente, as revistas de HQ, por fazerem parte importante do universo de crianças e jovens, podem ser igualmente utilizadas como ferramenta pedagógica criativa e eficiente.” (FUNARI, 2004, p.152 apud SOUZA NETO, 2016, p. 135).

Além disso, ressaltamos que as HQs contribuem para prática literária do estudante. “Assim um leitor, que desenvolver o gosto por esse hábito terá muito mais chances de se tornar alguém que leia outros gêneros textuais, como jornais, livros e revista.” (VERGUEIRO 2006 apud PAIVA, 2017, p. 51). Como explicar Santos, as Histórias em Quadrinhos no processo de aprendizagem possibilitam, “entre outras coisas, o incentivo à leitura, o aprendizado de línguas estrangeiras, a instigação ao debate e à reflexão sobre determinado tema, ou mesmo a realização de atividades lúdicas, como a dramatização a partir de uma História em Quadrinhos”. (SANTOS, 2001 apud SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 82).

Logo, podemos perceber que as Histórias em Quadrinhos, são mais uma ferramenta pedagógica para sala de aula e podem tornar cada vez mais difundidas na medida em que seu uso e aceitação estejam presentes no cotidiano das intuições educacionais.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **O ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense. 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: 25 nov. 2019.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.

CIAMPI, Helenice. ENSINAR HISTÓRIA NO SÉCULO XXI: dilemas curriculares. In: **XX Encontro Regional da ANPUH**. Franca, São Paulo. 10 de setembro de 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de e história**: Experiências, reflexões e aprendizagem. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da história Antiga. In: KARNAL, L.(Org.). **História na sala de aula**: Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007, p. 95 – 107.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

PAIVA, Fábio. **Educação e violência nas Histórias em Quadrinhos de Batman**. Salvador: Quadro a Quadro, 2017.

PAIVA, Fábio. **Histórias em Quadrinhos na educação**. Salvador: Quadro a Quadro, 2017.

RODRIGUES, Coura André. **O ensino de História na primeira república**: Manuais didáticos e a reforma João Pinheiro. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/302.pdf>. Acesso em: 28 abril 2019.

SANTOS, Ramos. Elísio; VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado**: da teoria à prática. EccoS - Rev. Cient., São Paulo, n. 27, jan./abr. 2012, p. 81-95.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. **Ensino da História Antiga e arte sequencial**: Esboços introdutórios. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli.; CREMA, Everton. [orgs.] Para um novo amanhã: visões sobre aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição LAPHIS/Sobre Ontens, 2016.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. A disciplina de História no Império Brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.17, mar. 2005, p. 1 – 10.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela. (Org.) **As Histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2006.

VILELA, Tulio. Os quadrinhos no ensino de História. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela. (Org.). **Como usar as Histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2016, p. 105-130.

VILELA, Tulio. **A utilização dos quadrinhos no em ensino de história**: Avanços, desafios e limites. 2012. 319 f. Dissertação do Curso de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidade e Direito. São Bernardo do Campo. 2012.